DISLEXIA E BULLYNG UM DILEMA NA HORA DA APRENDIZAGEM

THIAGO DE JESUS

RESUMO

O presente texto busca compreender o fenômeno do bullying, suas consequências e os danos que causa às pessoas. São apresentados os principais envolvidos e os efeitos prejudiciais sobre quem é vitimizado. O estudo descreve as características do problema

— agressões, vitimização e ambientes onde ocorre —, destacando os diferentes atores: vítimas, agressores, vítimas-agressoras e espectadores. As agressões se manifestam de formas variadas, como ataques verbais, morais e psicológicas. Costumam ser alvos pessoas mais frágeis, jovens, com deficiência, de comportamento tranquilo ou que apresentem traços que despertam a atenção dos agressores.

Aborda-se ainda a dislexia: seus sintomas, origem e as formas como família e equipe escolar podem auxiliar no processo de aprendizado. Analisam-se também as condutas agressivas e de vitimização, estendendo a análise do assédio escolar até a exposição nas redes sociais. Conclui-se que é essencial a atuação conjunta de família, escola e sociedade para prevenir e combater o bullying. Identificar cedo os sinais permite proteger e acolher, reduzindo os prejuízos emocionais, sociais e pedagógicos.

Estudantes com dislexia merecem atenção redobrada, pois suas dificuldades podem levá-los a situações de preconceito, exclusão e humilhação. Os professores devem adotar estratégias inclusivas e incentivar o respeito à diversidade; a família deve acompanhar e manter o diálogo; e os espectadores devem ser estimulados a não se omitirem. Ações educativas e intervenções corretas fortalecem a convivência saudável. O espaço escolar precisa ser seguro e acolhedor. Combater o bullying exige consciência e compromisso de todos, visando preservar a dignidade e o desenvolvimento integral dos alunos.

Palavras chave: Bullying. Agressividade. Cyberbullying. Dislexia. Aprendizagem

ABSTRACT

This text aims to understand the phenomenon of bullying, its consequences, and the harm it causes to individuals. It presents those primarily involved and the detrimental effects suffered by those who are victimized. The study describes the characteristics of the problem — the aggressions, victimization, and the environments where it occurs — and highlights the different roles involved: victims, perpetrators, bully-victims, and bystanders. Aggression takes various forms, including verbal, moral, and psychological attacks. Those who become targets are typically people who appear more vulnerable, younger, have a disability, are quiet, or display traits that draw the attention of those who harm them. The work also addresses dyslexia: its symptoms, origins, and how families and school staff can support children during the learning process. It further examines aggressive and victimizing behaviors, extending the analysis from school-based harassment to exposure on social media. The findings emphasize that joint action by families, schools, and society is essential to prevent and combat bullying. Early identification allows for timely support and protection, thereby reducing emotional, social, and educational harm. Students with dyslexia deserve particular attention, as their learning difficulties may expose them to prejudice, exclusion, and humiliation. Teachers should adopt inclusive practices and foster respect for diversity; families should maintain open communication and observe changes in behavior; and bystanders should be encouraged not to remain indifferent. Educational measures and appropriate interventions help build healthier relationships. Schools must be safe, supportive environments. Combating bullying requires awareness and collective commitment, so that every student's dignity is upheld and their full development can be ensured.

KEYWORDS: Bullying. Aggressiveness. Cyberbullying. Dyslexia. Learning.

INTRODUÇÃO

O propósito central deste estudo é responder a um conjunto de questões: Quem são os principais atores que participam das práticas de bullying? Em quais espaços esse fenômeno pode se manifestar? E quais obstáculos no aprendizado podem enfrentar os alunos com dislexia ao longo de sua trajetória escolar?

Apresentaremos, ainda, o conceito de bullying, as condutas que o caracterizam e os danos que pode causar à vida daqueles que são atingidos. O bullying se divide em duas modalidades: o direto, quando a vítima é atacada de forma explícita; e o indireto, que não envolve agressões físicas, mas se manifesta por meio de danos psicológicos — frequentemente, nas ausências da pessoa vitimizada. Caro leitor, ao longo deste texto, você encontrará relatos de situações de bullying vividas por aqueles que sofreram tais agressões. Abordaremos também os diversos ambientes em que essas práticas se verificam, como as redes sociais, o ambiente escolar e o espaço de trabalho. É importante destacar que o bullying costuma se manifestar desde a infância e pode estender-se até a vida adulta. Nosso interesse por este tema surgiu da necessidade de compreender o que motiva uma criança a ofender, conflitar e ferir outra, a partir da observação de inúmeras cenas de violência que presenciamos.

1. BULLYING NO LOCAL DE TRABALHO.

O bullying no local de trabalho é visto de várias maneiras e assumi muitas formas, atingindo todos os campos do trabalho. Quando ocorre o bullie o empregado fica sem reação, sentindo-se incapaz, vivendo pressionado com a preocupação de manter seu emprego, deixando o ambiente de trabalho muito competitivo, gerando conflitos e colocando uns contra os outros. Depois disso vem a tona os danos psicológicos, aflorando as doenças da mente, depressão e entre outras doenças de caráter físico.

Inúmeros trabalhadores vivem com chefes e colegas que hostilizam, ofendem, fazem fofocas, denigrem e expõe ao ridículo diante dos outros, gerando um clima desagradável e pesado entre os funcionários. Esse tipo de comportamento partindo da chefia pode acabar com a paz e harmonia do ambiente.

[...] O bullying no local de trabalho pode assumir muitas formas: ignoradas contribuições de um trabalhador, excluir funcionários do circuito de informações ou de reuniões importantes, sabotagem como alterar a informação em um gráfico ou apagar um arquivo importante, dar início a boatos destrutivos ou espalhar fofocas, constranger em público, gritar com um funcionário, enviar e-mails grosseiros ou ameaçadores ou ainda dar as piores tarefas ou áreas de trabalho. (J.MIDDELON-MONZ Q / M.ZAWADSKI, 2007, p. 25 e 26).

Essas pessoas que praticam esses tipos de agressões são aquelas pessoas que não são capazes de manter a tranquilidade ou até mesmo ter colegas, ao contrário tem prazer em maltratar, hostilizar, são vingativos e ameaçadores elas buscam suprir algo que lhes falta e acabam tendo esse tipo de comportamento agressivo que são desencadeados pelo ciúme, por falta de segurança, passando a ter inveja de um colega que se destaca e é taxado como mais inteligente.

2. O CYBERBULLYING E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Cyberbullying é um tipo de violência contra uma pessoa praticada através da internet, ou de outras tecnologias relacionadas. Praticar *cyberbullying* significar usar o espaço virtual para intimidar e hostilizar uma pessoa (colega de escola, professores ou até mesmo pessoas desconhecidas), difamando, insultando ou atacando covardemente. É o termo formado a partir da junção das palavras *"cyber"* termo associado a todo tipo de comunicação virtual usando mídias digitais, como a internet e "*bullying*" que é o ato de intimidar ou humilhar uma pessoa. Assim a pessoa que comete esse tipo de ato é conhecida como *cyberbully.* O *cyberbullying* é mais fácil para os agressores, por que podem fazê-lo de forma anônima nas diversas redes sociais, com conteúdo ofensivos e caluniosos.

Mas o que os agressores que usam esse recurso esquecem é que todos os computadores do mundo têm um número chamado IP. Esse número corresponde a carteira de

identidade de uma pessoa (o RG); com esse dado, caso a pessoa ofendida preste queixa na delegacia, a polícia pode localizar, fácil, fácil, o país, a cidade, o bairro, a rua, e a residência de onde a agressão foi postada. E outras palavras quem fizer esse tipo de bobagem tá brincando com fogo.(MEIER, ROLIM, 2013, p.32, 33).

É por meio de leis *ante-cyberbullying* que atualmente vigoram, os agressores anônimos podem ser descobertos e processados por calunia e difamação, sendo obrigados a indenizar a vítima. O *cyberbullying* em geral é praticado entre adolescentes, mas também ocorre entre os adultos. O *bullying,* infelizmente passou a fazer parte da trama das vidas de muitos de nós e por sermos insensíveis passou a fazer parte de nosso cotidiano. O *bullying* partiu das escolas e passou a fazer parte de todo o mundo através do *cyberbullying.*

Em relação as vítimas, além dos danos morais e emocionais sofridos, existe ainda o risco de que suas imagens, uma vez divulgada em rede mundial, atraiam pessoas inescrupulosas e mal intencionadas do mundo real, que queiram se utilizar delas para fins escusos como a pedofilia e pornografia. As vítimas sentem medo, raiva e vergonha, por serem traiçoeiramente agredidas, constrangidas e humilhadas. Vivem um clima de estabilidade emocional, desconfiança e animosidade no convívio escolar, pois todos a sua volta tornam se suspeitos. Normalmente sentem o rebaixamento da autoestima, queda do rendimento escolar, sintomas psicossomáticos diversificados e estresse. “Weiner disse que uma estudante estava inclinada a suicídio depois que descrições

falsas de suas supostas habilidades sexuais foram publicadas”. (MIDDELTON-MOZ, 2007, p. 21).

É dentro de uma modalidade indireta que ocorre o *cyberbullying.* Essa prática é muito comum entre os adolescentes, uma vez que o meio virtual possibilita certas facilidades de se ocultar identidades e porque, mesmo quando estas são expostas, as agressões não ocorrem presencialmente. Assim como acontece no *bullying* tradicional, nessa modalidade existe a intencionalidade do agressor e o desequilíbrio de poder, bem como a promoção de dor psicológica e a repetição.

Acobertado pela tela do computador ou do telefone celular, o agressor ofende e difama a vítima sob uma identidade falsa, contando com a comodidade de fazê-lo em casa e em absoluto anonimato [...].(MEIER, ROLIM, 2013, p.35)

Cyberbullying se dá por meio de ofensas públicas, escritas ou imagens depreciativas postadas nas redes sociais, bem como pelo envio de e-mails e mensagens via whatsapp. Muitas vezes as imagens são alteradas, colocando elementos e criando outro tipo de imagem que parte da versão original com o único objetivo de ridicularizar e difamar a vítima. Nesse sentido o principal problema do *cyberbullying* é o fato da rede mundial de computadores têm uma dimensão muito ampla que possibilita o alcance de um número muito maior de espectadores em relação à modalidade tradicional de *bullying.*

Em poucos segundos, uma foto constrangedora postada em qualquer lugar do mundo pode percorrer milhares de computadores, celulares, tablets, entre outros dispositivos tecnológicos que tenha a função de enviar e receber fotografias ou imagens, podendo ser visualizada por uma verdadeira multidão de usuários antes que a própria vítima perceba ou se dê conta de tudo que está acontecendo.

3. DILEXIA E SUAS CARACTERÍSTICAS

A dislexia é caracterizada por dificuldades no reconhecimento preciso de palavras e na capacidade de pronunciar, além da dificuldade com escrita, leitura e soletração, podendo demonstrar dificuldade em outras áreas como na aquisição da matemática.

Um enorme número de pessoas acredita erroneamente que dislexia seja simplesmente uma questão de espelhar números ou ter dificuldades para ler; ela é muito mais complexa e extensa do que isso. Traz dificuldades na escrita, nas relações espaciais, nas direções, na

administração do tempo, na lembrança de palavras e na memória. (FRANK; 2003, p. 4)

A palavra dislexia é derivada de DIS: distúrbio e LEXIA: que em grego, quer dizer linguagem, e em latim, significa leitura. A dislexia caracteriza-se por uma controvérsia na hora de reconhecer determinadas palavras e na capacidade de interpretar e codificar. A dislexia é uma dificuldade primária que surge na infância, na hora da aprendizagem, abrangendo a leitura, escrita e soletração ou podendo ser a junção de duas ou três destas dificuldades de aprendizagem. Sendo mais preciso a dislexia é o distúrbio, o transtorno da aprendizagem que na maioria das vezes é identificado somente na sala de aula.

Aprofundando um pouco mais, dislexia é um problema neurológico relacionado à linguagem e à leitura; as habilidades de escrita de palavras e de textos, de audição, de fala e de memória também podem sofrer impactos. (FRANK, 2003, p. 4)

Existem três tipos de dislexia: visual, auditiva e uma junção ou combinação das duas. É de suma importância para os familiares entenderem que a dislexia visual não significa que a criança tenha um problema de visão. Ao contrário, os problemas vão surgindo quando ela tem que processar e interpretar pelo cérebro a imagem vista.

Alguns autores classificam a dislexia como dislexia visual e/ou auditiva. Crianças com dislexia visual apresentam comprometimentos na área de percepção visual e criança com dislexia auditiva, comprometimentos maiores na percepção auditiva, podendo ainda ocorrer a dislexia mista, com ambas as áreas prejudicadas. (STELLING, 1994, p.49)

Frequentemente é o professor quem descobre, ou percebe os primeiros sinais da dislexia na criança, em seguida os pais começam a achar estranho o atraso na leitura do filho. As suspeitas resolvem aparecer, geralmente quando um aluno brilhante apresenta problemas na leitura. Isso causa uma surpresa nos pais e no educador. A dislexia engloba um importante conglomerado de afecções que se caracterizam, de forma fundamental, pelas dificuldades de aprendizado da linguagem e da escrita. Lauretta Bender, citada por Queirós (1980), tem usado desde 1940 o termo “atraso na maturação” para caracterizar as dificuldades específicas de linguagem em crianças [...] Atrasos na maturação estão relacionado com o curso de evolução e parece ser mais ou menos específico para problemas de aprendizagem, da linguagem.

A dislexia pode ser desencadeada por quatro fatores: de ordem neurológica, de origem linguística, as congênitas e as de ordem psicogênicas.

Geralmente, os indícios da dislexia surgem quando a criança começa a ler e escrever, mesmo nesse período da vida da criança, pode levar bastante tempo até que o transtorno de aprendizagem possa ser diagnosticado de forma clara.

De acordo com FRANK “Em alguns casos mais sérios existem sinais que aparecem mesmo antes de a criança começar a ler, como o atraso na fala”. Até os seis e sete anos é normal que as crianças troquem as letras de lugar na hora de escrever uma palavra. No momento da leitura também é comum que essa troca de palavras ocorra. O alerta é acionado quando uma criança com idade entre oito e nove anos realiza essa troca na hora da escrita ou da fala. Essa situação indica um sinal para que os pais e professores fiquem atentos

O desenvolvimento dessas funções apresenta-se retardado na leitura, na escrita e na ortografia. A capacidade para realizar essas atividades é bastante prejudicada em suas formas mais primárias e ler, compreender um pequeno texto, resumi-lo, escrever um bilhete são tarefas muito difíceis para o disléxico.

(STELLING, 1994, p.60)

Logo nos primeiros anos da alfabetização, surgem muitas dificuldades e na hora da aprendizagem das letras. Também existem confusões entre palavras sejam elas, na sua sonoridade ou escrita e em especial palavras que apresenta semelhanças, por exemplo entre as letras p e b, p e q.

Quase sempre, as crianças com dislexia ficam preocupadas em decifra os símbolos escritos e se confundem no significado das palavras. Quando passamos a falar da leitura do disléxico sabemos que ela é feita de forma lenta. Quando a leitura é feita de forma rápida, quase sempre a criança passa a ler sílaba por sílaba. Segundo Stelling a leitura de uma criança com dislexia é lenta apresentando interrupções e erros de confusões de consoantes, como inversão na ordem das sílabas na palavra e etc. Outra característica da criança com dislexia na hora da leitura é respeitar pontuação, falta-lhes entonação na leitura, o que a torna muitas vezes incompreensível. Para uma criança portadora de dislexia é muito complicado compreender o que está sendo lido, seja essa leitura feita em voz baixa ou alta. Para se tornarem mais fáceis e claras as suspeitas de que, uma criança seja portadora da dislexia, surge uma lista de indícios que podem

ajudar na hora do diagnóstico feito por um profissional em parceria com os pais e os professores.

• Dificuldade em seguir direções.

• Autoestima ameaçada.

• Dificuldade e confusão na hora de soletrar.

• Medo de ler em voz alta.

• Não saber com propriedade o que é direita e esquerda.

• Lentidão em atividades escritas.

• Incapacidade de lidar com a matemática.

• Relutância em ir à escola.

• Problemas em conhecer e escrever palavras.

• Problemas com ortografia.

• Inversão de letras.

• Problemas com organização.

• Dificuldade em revisar ou identificar erros.

• Baixo liminar de atenção quando escuta.

• Compreensão inferior de leitura.

• Confusão com símbolos e com o alfabeto.

• Problemas de discriminação visual.

• Problemas de percepção espacial.

• Pouca noção de tempo.

• Problemas em lembrar rotinas diárias.

A dislexia um tipo de transtorno /ou especialidade “invisível”, o que nos torna muito complicado para ser detectado na correria do dia a dia. Porém para a criança portadora dessa especialidade, na cabeça dela a dificuldade que ela possui é bem óbvia para a sociedade em geral.

Na verdade, ninguém pode apontar para a dislexia como para uma perna quebrada; não há sinais evidentes que diferenciem seu filho de qualquer outra criança. Por essa razão acredito eu, a criança com dislexia vivencia sua “vida secreta” de maneira singular: é bem consciente de que não é como as outras crianças, mas pode ser impelida a manter um véu de sigilo sobre seu transtorno. (FRANK, 2003, p. 6)

Os pais são os que melhor conhecem os seus filhos e podem perceber os primeiros sinais de baixa estima e falta de vontade de ir à escola. Quando olhar a lição da criança pode-se perceber a dificuldade na ortografia que é um indício da dislexia. Uma situação que pode deixar os pais alerta é casos de dislexia na família, mesmo que seja casos isolados.

A avaliação de a dislexia ocorrer geralmente na 3° série do ensino fundamental, embora esse problema só seja detectado anos mais tarde. Se caso você pai tem alguma suspeita e acha estranho algum comportamento do seu filho, entre em contato com a escola e solicite uma avaliação para sanar a suspeita. Quanto mais rápido conseguir que profissionais trabalhem a favor do seu filho melhor.

Frank diz que: “É mais adequado para você procurar ajuda e descobrir que seu filho não precisa dela, do que descobrir muito depois que ele necessita dela, mas não a recebeu porque os adultos não estavam “por dentro” (2003)

4. BULLYNG E DISLEXIA NA ESCOLA

As vítimas estão marcadas e visadas pelos

agressores, os quais, quando agridem, sabem exatamente o que estão fazendo e como farão. Quando o agressor está pronto para agir, ele vigia a vítima e estuda cada detalhe para descobri o seu ponto fraco. As vítimas muitas vezes com medo ou por vergonha não procuram ajuda, e acabam guardando para si. A vítima perde a vontade de ir para escola, chegando a simular doenças e mal-estar, chega a desenvolver depressão, até chegar ao suicídio. “As vítimas costumam ser mais frágeis, com algum traço que destoa do modelo culturalmente imposto ao grupo etário em questão, que pode ser físico ou emocional, como o caso da timidez” (BALLONE, 2005, p. 25).

Por serem frágeis não se encaixam no grupo dos valentões. As vítimas não sendo o padrão que os colegas impõem, acabam sofrendo o bullying. A prática do bullying se caracteriza por motivos alheios, causando distúrbios nas vítimas, as fazendo sentirem vergonha de si mesmos e gerando um forte sentimento de insegurança, o que lhe impede de falar sobre a violência que está sofrendo na escola, tendo o silencio como seu único aliado. “existem sinais que facilitam a identificação de quem está sofrendo maus tratos, tais como “agressividade, mal-estar na hora de ir às aulas, melancolia, notas baixas”. (OLWEUS 1998 APUD NOGUEIRA, 2007, p.27). Muitas das vezes a

vítima deixa transparecer alguns sinais que está sofrendo bullying, mas passa despercebido pelos pais, professores e colegas de classe, as vezes pela correria do dia a dia ou quem consegue perceber chega a pensar que é frescura da vítima.

Entendemos que para ser vítima de bullying a vítima tem que ser diferente, não se encaixar nos padrões estabelecidos ou ter alguma deficiência. O que o bullying trás de negativo na hora da aprendizagem para uma criança que possui dislexia? Sabemos que uma criança que carrega consigo uma necessidade especial seria um alvo desejado para um causador de bullying. A dislexia faz com que o portador se torne uma pessoa solitária, quieta, que carrega vários medos dentro de si, compreendo que o bullying é algo muito sério dentro do ambiente escolar, algo que causa dor, solidão, medo e capaz de arrancar até a vida de uma pessoa que passa a sofrê-lo diariamente. O fenômeno bullying em sua ação mais concreta e absurda vem para ferir, humilhar, espancar, tirar sarro, constranger a vítima e torna-la em bode expiatório.

A criança que carrega a dislexia no seu dia a dia, não consegue interagir dentro da sala de aula, ela se sente inferior aos colegas, procura sempre sentar sozinho e não interage nas atividades, evita ler em voz alta para que toda classe ouça pelo simples fato de gaguejar, trocar as palavras e não conseguir entender o que está lendo. As letras e números para um disléxico são formiguinhas andando de um lado para o outro, as letras se movimentam e a compreensão é cada dia mais difícil de ser feita.

O agressor aproveita esse momento para analisar a sua vítima e torna-la aquele “bode expiatório” citado anteriormente, na hora do intervalo é o momento onde o agressor ri da vítima, criando grupinhos para falar mal e apelidar a criança portadora da especialidade. As ações variam dos palavrões, apelidos até a agressão física.

A vítima se sente incapaz de relatar tudo isso que está passando para o professor e muito menos para os familiares, deixando-o ser dominado pelo desânimo e passa a acreditar que é uma pessoa incapaz de aprender qualquer assunto que seja abordado na sala de aula. A criança se desespera a cada dia, começa a passar extremamente mal quando se aproxima a hora de ir para escola, se queixa para o pai para ficar em casa nesse dia. A criança deixa de acreditar no seu potencial e não consegue aprender ou assimilar o aprendizado. A ação do bullying na hora da aprendizagem de uma criança portadora da dislexia é extremante negativo. O medo toma conta da criança gerando incapacidade para a reação. O desespero por não aprender a ler ou escrever corretamente ou na mesma velocidade dos colegas deixa criança extremamente chateada e infeliz. O bullying vem como um monstro que aponta, ridiculariza, fala mal,

agride fisicamente e causa danos psicológicos. Por passar por tudo isso a criança deixa de acreditar nela mesma e na capacidade de aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender e esclarecer os motivos que levam o bullying a se disseminar cada vez mais nos ambientes escolares. Entende-se como prática de bullying qualquer ação que envolva ofensa, humilhação, agressão física, disseminação de boatos e fofocas, exposição ao ridículo, acusações injustas, isolamento deliberado, insultos, comentários de teor sexual ou discriminação étnica e de gênero. Diante desse cenário, distinguem-se três personagens centrais: a vítima, o agressor e os espectadores.

As pessoas alvo de agressões sentem-se vulneráveis, vividas pelo medo e pela vergonha, apresentam, em geral, baixa autoestima e estão mais propensas a desenvolver depressão e até mesmo pensamentos e tentativas de suicídio. Em outros casos, algumas vítimas acabam por reproduzir o ciclo de violência, descarregando sua raiva, dor e sofrimento sobre crianças menores ou mais frágeis, passando também a agredir e ofender.

Com base nas pesquisas bibliográficas consultadas, foi possível identificar dois perfis de vítimas: as passivas ou submissas e as provocativas. Verifica-se, ainda, que na infância as agressões costumam ser mais aleatórias, enquanto na juventude e na vida adulta as vítimas são escolhidas de forma intencional. O agressor encontra sempre algum pretexto para justificar suas ações: peso, estatura, aparência, desempenho escolar, comportamento, uso de óculos, estilo de vestuário ou qualquer outra característica que possa chamar atenção. Nesse sentido, os educadores podem e devem atentar-se aos motivos que levam crianças e jovens a praticar tais atos: raiva, inveja, sensação de rejeição e diversos fatores sociais são elementos que influenciam diretamente o comportamento do agressor. Brigas, brincadeiras de mau gosto, apelidos pejorativos, furtos e outras condutas agressivas são, infelizmente, práticas recorrentes no dia a dia escolar.

Esse tipo de violência manifesta-se em diferentes espaços: salas de aula, pátios durante o intervalo e até mesmo no trajeto de ida e volta à escola. Além disso, faz-se urgente destacar uma modalidade que gera crescente preocupação — o cyberbullying —, que se utiliza do ambiente virtual para intimidar, difamar e hostilizar colegas, professores e até mesmo desconhecidos. Para os agressores, essa forma de violência torna-se ainda mais acessível justamente pela possibilidade de agir de forma anônima: publicam-se

comentários insultantes, imagens depreciativas e conteúdo calunioso em redes sociais, além de mensagens e e-mails enviados de forma direta.

No caso de pessoas com dislexia, os desafios começam já na infância e tornam o processo de aprendizagem especialmente árduo. O mundo pode parecer confuso e difícil de compreender, e assimilar informações torna-se um esforço constante. A dislexia pode parecer simples ou pouco perceptível para quem a observa de fora, mas representa um desafio complexo no dia a dia de quem a vivencia — como, por exemplo, a dificuldade de lembrar um trajeto já percorrido diversas vezes, ou de compreender e assimilar letras, números e fórmulas.

Por fim, este trabalho reúne informações sobre a dislexia e suas principais dificuldades, além de trazer reflexões sobre os perfis de vítimas, agressores e espectadores, bem como as diferentes formas de manifestação do bullying. Entretanto, considera-se fundamental que novas pesquisas sejam desenvolvidas, com estudos e entrevistas conduzidos por especialistas junto a vítimas e pessoas com dislexia. A ampliação do conhecimento sobre o tema nos dará cada vez mais subsídios para discutir, compreender e combater essa forma de violência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ASBAHR, Fernando Ramos. **Transtornos de ansiedade na infância e adolescência**. São Paulo: Editora Casa Leitura Médica, 2010.

BOSSA, Nádia Aparecida. **A Psicopedagogia no Brasil.** Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul, 1994.

FRANK, Robert. **A vida secreta da criança com dislexia**. São Paulo: Editora M. Books do Brasil Ltda, 2003.

MEIER, Marcos; ROLIM, Jeanine. **Bullying sem blá blá blá.** Curitiba: Editora Intersaberes, 2013.

MIDDELTON-MOZ, Jane; ZAWADSKI, Mary Lee. **Bullying:** estratégias de sobreviver para crianças e adultos. Porto Alegre: Editora Artmed, 2017.

RUOTTI, Caren; ALVES, Renato; CUBAS, Viviane de Oliveira. **Violência na escola:**

Um guia para pais e professores. São Paulo: Editora Andhep, 2006.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa**. Bullying:** mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Editora Fontanar, 2010.

STELLING, Stella. **Dislexia.** Rio de Janeiro: Editora Revinter Ltda, 1994.